

14º Seminário Nacional Sociologia & Política
Saberes em Confluência

GT 07 - Sociologia da Saúde, da Morte e das Sensibilidades

QUANDO A DOR SENTA PARA CONVERSAR:
ENTRE ERVAS, PALAVRAS E SILÊNCIOS NO CUIDADO DA PRETA VELHA

Adriana Cristina Zielinski do Nascimento¹

INTRODUÇÃO

Quando a dor pede escuta.
Há dores que não chegam gritando.
Elas se aproximam devagar, sentam, esperam e,
quando encontram escuta, começam a falar.
(Mãe Adriana d'Iansã - 2026)

Neste horizonte, a dor não é tomada apenas como sintoma ou desordem a ser corrigida, mas como presença que interpela, convoca e produz linguagem. Ao “sentar para conversar”, como anuncia o título, ela desloca a lógica da urgência e do silenciamento, instaurando um tempo outro, um tempo de escuta, de cuidado e de elaboração. É nesse movimento que se inscrevem as práticas conduzidas pelas entidades conhecidas como Pretas Velhas, cujas ações, atravessadas por gestos, palavras, rezas e o uso de ervas, configuram formas singulares de acolhimento e recomposição dos sujeitos. Assim, ao acompanhar essas práticas no cotidiano do terreiro de Umbanda, este artigo busca compreender como a dor é

¹ Doutoranda em Sociologia - UFPR. Mestre em Desenvolvimento Territorial Sustentável no Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná - UFPR. Pedagoga, Psicopedagoga, Especialista em Relações Étnico-Raciais (UFPR). E-mail: adrianazielinski@gmail.com

reconhecida, narrada e transformada, evidenciando modos de cuidado que escapam às fronteiras biomédicas e se ancoram em saberes ancestrais, relacionais e espirituais.

A Umbanda é uma religião brasileira de matriz afro-indígena, constituída na confluência de diferentes saberes, práticas e cosmologias, onde o cuidado espiritual se realiza de forma coletiva, incorporada e relacional. Vale localizar o leitor trazendo Verger (1999) quando diz que:

A Umbanda é uma religião popular tipicamente brasileira, que apresenta um caráter universalista que engloba principalmente em seu corpo doutrinário cinco influências: africana, católica, espírita, indígena e orientalista. (VERGER, 1999, p.193).

No terreiro, espaço sagrado de encontro entre o visível e o invisível, médiuns, entidades e consulentes se reúnem em rituais que articulam palavra, corpo, canto, silêncio e elementos da natureza, como ervas, água, entre outros. Nesse contexto, o cuidado não se limita a uma dimensão individual, mas se inscreve em uma rede de relações que envolve ancestrais, guias espirituais e a própria comunidade, sustentando processos de escuta, orientação e reorganização da vida. Assim, o terreiro se afirma como um espaço de produção de sentido, onde a dor pode ser acolhida, nomeada e transformada no encontro com o outro e com o sagrado.

É importante, neste sentido, destacar que a ênfase conferida às práticas de cuidado mobilizadas no terreiro não implica uma oposição aos saberes e intervenções biomédicas. Parte-se, antes, do reconhecimento de que diferentes formas de cuidado se organizam a partir de racionalidades e temporalidades distintas, coexistindo e, muitas vezes, se articulando nas trajetórias dos sujeitos. Ao privilegiar a escuta, a palavra, o silêncio e o manejo ritual da dor, as práticas das Pretas Velhas não negam outras abordagens, mas inscrevem-se em um campo ampliado de produção de saúde, no qual dimensões espirituais, emocionais e corporais são indissociáveis. Assim, este trabalho propõe pensar o cuidado a partir de sua pluralidade, evidenciando como diferentes saberes podem não apenas coexistir, mas também compor experiências complexas de enfrentamento e elaboração do sofrimento.

Sob esta ótica, o cuidado pode ser compreendido não como um conjunto restrito de técnicas ou intervenções, mas como uma prática relacional, ética e sensível que se realiza no encontro com o outro em sua vulnerabilidade. Como aponta Boff (1999, p. 33), cuidar é “mais que um ato; é uma atitude”, isto é, uma disposição que envolve responsabilidade, envolvimento afetivo e compromisso com a vida em sua fragilidade e potência. Tal

compreensão desloca o cuidado de uma lógica exclusivamente instrumental, permitindo pensá-lo como um campo plural, no qual diferentes saberes, práticas e sensibilidades se articulam na produção de sentido diante do sofrimento. Assim, o cuidado emerge como experiência que não apenas intervém sobre a dor, mas a acolhe, a escuta e a reinscreve em outras possibilidades de existência.

É nesse movimento que este artigo se constroi, o qual apresenta resultados parciais de uma pesquisa de doutorado em andamento que, por meio da autoetnografia, investiga um terreiro de Umbanda localizado na região metropolitana de Curitiba (PR), com o objetivo de compreender processos de socialização religiosa, bem como dinâmicas de continuidade e transformação da Umbanda no contexto contemporâneo. Inserida no campo das sociologias da saúde, das sensibilidades e da religião, a pesquisa analisa o terreiro como espaço de produção de saberes, vínculos e práticas de cuidado, articulando dimensões espirituais, corporais e emocionais da experiência religiosa.

Situando-se nesse campo de reflexão, este trabalho focaliza a atuação das Pretas Velhas como um recorte analítico privilegiado para compreender modos específicos de cuidado, bem-estar e reorganização do sofrimento no contexto umbandista. Sustenta-se que a Umbanda não opera apenas como sistema ritual ou crença religiosa, mas como prática cotidiana de cuidado, na qual saúde e adoecimento são compreendidos de forma relacional, atravessados por histórias pessoais, coletivas e ancestrais. Conforme argumenta Birman, ao analisar a Umbanda, é fundamental compreendê-la como uma religião que se estrutura nas relações, nas práticas rituais e nas experiências concretas de seus adeptos, nas quais o corpo, a emoção e a mediação espiritual ocupam lugar central na produção do religioso (BIRMAN, 1985).

É no interior dessas dinâmicas que as Pretas Velhas emergem como interlocutoras centrais, conduzindo modos específicos de escuta, acolhimento e sustentação da dor. Mais do que reiterar a Umbanda como prática relacional de cuidado, interessa evidenciar como, em suas práticas, o sofrimento é acolhido, traduzido e reconfigurado por meio de uma ética própria, marcada pela escuta paciente, pelo conselho, pelo uso ritual das ervas e pela valorização das trajetórias de vida. Nesse sentido, saúde e adoecimento deixam de ser compreendidos como estados isolados para serem situados em tramas mais amplas, que articulam experiências individuais, vínculos coletivos e presenças ancestrais, produzindo formas singulares de elaboração e enfrentamento da dor.

No que diz respeito ao percurso metodológico, a pesquisa se ancora na autoetnografia como modo de produção de conhecimento que reconhece a implicação da pesquisadora no campo, assumindo a experiência vivida não como obstáculo, mas como dimensão constitutiva da análise. Conforme propõe Bochner (2016, p. 51), “a autoetnografia tensiona as fronteiras entre o pessoal e o cultural, compreendendo que narrar a própria experiência é também produzir inteligibilidade sobre os contextos sociais que a atravessam”. Inserida no cotidiano do terreiro, a escrita se constrói na tessitura entre memória, observação e participação, permitindo acessar não apenas as práticas de cuidado em si, mas os sentidos, afetos e relações que as sustentam. Tal escolha metodológica possibilita compreender o cuidado não como um conjunto de técnicas isoladas, mas como experiência situada, atravessada por vínculos, trajetórias e pela presença ativa das entidades. Conforme apontam Carolyn Ellis (2004) e Arthur Bochner (2000), desloca a centralidade da distância analítica para valorizar a experiência vivida, reconhecendo o pesquisador como parte constitutiva do campo e da produção do conhecimento.

A autoetnografia é uma forma de contar histórias sobre si mesmo, sobre sua própria vida e experiência, de forma a revelar a complexidade e a riqueza da experiência humana (BOCHNER, 2001, P. 142)

Para tanto, a pesquisa se realiza a partir da implicação da pesquisadora enquanto mãe de santo (liderança religiosa) e participante do terreiro, condição que não apenas possibilita, mas convoca um olhar que se constrói desde dentro, no entrelaçamento entre viver e pesquisar. É nesse lugar que acompanho os processos de aprendizado, incorporação e transmissão de saberes, não como quem observa à distância, mas como quem aprende, ensina, faz, refaz e sustenta, cotidianamente, o cuidado no terreiro.

Mais do que um posicionamento metodológico, trata-se de reconhecer que o campo não se apresenta como exterioridade, mas como experiência vivida, atravessada por vínculos, responsabilidades e aprendizagens compartilhadas. Nesse sentido, o conhecimento se produz no fazer junto: no atendimento, na conversa ao pé do ouvido, no preparo das ervas medicinais, no silêncio que acolhe. A escrita, assim, não se pretende distanciada, mas comprometida com essa experiência, buscando dar forma ao que se vive, sabendo, contudo, que há dimensões que escapam à palavra e permanecem como parte do próprio mistério que sustenta o terreiro.

Assim, escrever torna-se também um exercício de escuta e elaboração, no qual memória, corpo e experiência se entrelaçam na produção do texto. Mais do que observar

práticas de cuidado, trata-se de acompanhá-las em sua tessitura cotidiana, percebendo como se constituem nas relações, nos rituais e nos afetos que atravessam o terreiro. É nesse entrelaçamento entre experiência e reflexão que a autoetnografia se afirma como caminho possível para compreender, desde dentro, as formas pelas quais a dor é acolhida, sustentada e transformada em prática de cuidado.

Para tanto, o artigo busca compreender, nesta perspectiva, como as práticas conduzidas pelas Pretas Velhas operam na produção de modos específicos de cuidado, investigando de que maneira a dor é reconhecida, escutada e transformada no interior dessas relações. Interessa, assim, refletir sobre como tais práticas ampliam as concepções de saúde e bem-estar, tensionando seus limites e evidenciando a potência de saberes que se constituem na intersecção entre o espiritual, o corporal e o relacional.

Por fim, o artigo organiza-se, além desta introdução, em um desenvolvimento que apresenta os referenciais teóricos que sustentam a análise, com ênfase nas sociologias da saúde, das sensibilidades e da religião. Nesse percurso, são apresentadas as práticas das Pretas Velhas, com destaque para seus modos de escuta, acolhimento e manejo da dor. Ao final, retomam-se os principais argumentos, apontando para as contribuições do estudo ao debate sobre cuidado, sofrimento e pluralidade terapêutica.

2. ENTRE SAÚDE, SOFRIMENTO E CUIDADO

Pensar em saúde e sofrimento implica deslocá-los de uma compreensão essencialista, reconhecendo-os como experiências socialmente construídas, sensíveis às condições de vida, às relações e aos afetos. Na Umbanda, as Pretas Velhas² ocupam um lugar central nos processos de socialização religiosa, ensinando, por meio da escuta, da palavra, do gesto e do silêncio, modos de lidar com a dor, o cansaço e as adversidades da vida.

No contexto da Umbanda, o cuidado se configura menos como uma resposta imediata à dor e mais como um processo de sustentação do sujeito em seu percurso de sofrimento, permitindo que este seja narrado, acolhido e ressignificado. É nesse deslocamento que o cuidado, no campo das sociologias da saúde e das sensibilidades, deixa de ser compreendido

² A Preta Velha e o Preto Velho são compreendidos como entidades espirituais associadas à sabedoria, à experiência e à autoridade simbólica, figurando como expressões da ancestralidade negra e da memória histórica da diáspora africana no Brasil.

apenas como intervenção técnica para ser concebido como uma prática relacional, situada e comprometida com o outro. Trata-se, portanto, de um fazer que se constrói no encontro, na escuta e na partilha, implicando não apenas procedimentos, mas vínculos, temporalidades e formas de presença.

Nesse quadro, experiências religiosas como a Umbanda abrem espaço para outras gramáticas do cuidado, nas quais corpo, espiritualidade e emoção não se apresentam como domínios dissociados. Ao contrário, articulam-se de modo indissociável, produzindo formas específicas de atenção e manejo do sofrimento. Nessa direção, ao compreender o corpo como espaço privilegiado de inscrição das experiências sociais, pode-se afirmar, com Scribano (2012), que é nos corpos que as sensibilidades se produzem, se inscrevem e se expressam, constituindo-se como dimensões centrais da vida social. Interessa, assim, compreender de que maneira essas práticas tensionam e ampliam as noções hegemônicas de cura, deslocando o foco da resolução imediata para a sustentação do sofrimento e para a construção de sentidos possíveis para a dor.

É precisamente a partir desse olhar implicado que o terreiro passa a se revelar não apenas como cenário ritual, mas como um espaço vivo de produção e circulação de cuidados. Ao deslocar o foco dos momentos formais para o cotidiano, torna-se possível perceber que o cuidado não se restringe a atos pontuais, mas se inscreve em uma trama contínua de relações, presenças e disponibilidades. O terreiro, nesse sentido, se configura como um lugar onde a vida é acompanhada em suas múltiplas dimensões, acolhendo tanto o sofrimento quanto os modos de seguir existindo.

No terreiro, não é raro que a chegada se dê pelo esgotamento. Muitos chegam quando já não há mais a quem recorrer, quando os itinerários institucionais, biomédicos ou mesmo afetivos parecem ter falhado. A dor, nesse ponto, já não é apenas sintoma: é desespero que atravessa o corpo e desorganiza a vida. Nesse sentido, o terreiro aparece, então, como esse “último lugar”, não no sentido de uma hierarquia de saberes, mas como expressão de um limite vivido, de uma experiência em que o sofrimento exige outras formas de escuta e de cuidado.

Há, nesse movimento, uma densidade sensível que interpela: o que se busca não é apenas cura, mas acolhimento, sentido, recomposição. Como sugere Scribano (2012), é no terreno das sensibilidades que o sofrimento se inscreve e se comunica; e é também aí que práticas como as da Umbanda operam, oferecendo não uma solução imediata, mas um espaço onde a dor pode, finalmente, sentar, ser ouvida e, quem sabe, começar a se transformar.

Vale trazer aqui no atendimento conduzido pela Preta Velha Tia Maria, no terreiro pesquisado, a cena ritual que se organiza a partir de uma disposição simples, porém densamente significativa. A entidade se senta em um banquinho baixo e, à sua frente, disponibiliza outro assento, convidando a pessoa a se colocar diante dela, instaurando uma relação marcada pela proximidade, pelo olhar e pela presença compartilhada. Ao seu lado, encontram-se elementos recorrentes do cuidado: uma vela branca acesa, algumas ervas medicinais, um recipiente com água e o galho de arruda utilizado no benzimento. Esse arranjo não se limita a compor um cenário, mas estrutura uma prática na qual gesto, palavra e materialidade se articulam. A escuta antecede, muitas vezes, a fala, e o atendimento se desenvolve em um ritmo desacelerado, no qual o silêncio também opera como forma de acolhimento. O benzimento, realizado por meio de movimentos suaves e repetidos, não se apresenta como intervenção abrupta, mas como ação contínua que atravessa o corpo e a experiência do sujeito. Nesse contexto, o cuidado se efetiva na conjunção entre presença, escuta e uso de elementos rituais, possibilitando que a dor seja reconhecida, sustentada e, em alguma medida, reorganizada.

O conhecimento tradicional da Umbanda em relação a ervas, raízes, plantas para formular chás e remédios naturais, além do exercício da escuta e do aconselhamento, o benzimento, a disponibilidade de tempo e energia para o acompanhamento no tratamento, podem proporcionar a diminuição da distância entre o enfermo e o cuidador. A relação de acolhimento vivenciada nos terreiros pode permitir uma interação entre as subjetividades do cuidador e de quem é cuidado. O adepto ou simpatizante convalescente encontra forças para a superação de seus problemas de saúde por meio do acompanhamento da mãe ou pai de santo, liderança do terreiro, intermediado pela dedicação e assistência empreendidas por parte da coletividade do terreiro, formando uma espécie de rede de cuidados. (NASCIMENTO; HOFFMANN-HOROCHOVSKI, 2023, p. 6)

O terreiro, frequentemente reduzido a espaço ritual, revela-se, no cotidiano, como um lugar de produção contínua de vínculos, escutas e formas de sustentação da vida, formando uma espécie de rede de cuidados. Entre atendimentos, conversas, silêncios e preparações, o cuidado se constrói em gestos muitas vezes discretos, mas profundamente significativos: um conselho dado em voz baixa, um tempo de espera respeitado, um silêncio partilhado, um olhar que reconhece a dor antes mesmo de sua enunciação. São nesses pequenos movimentos que o cuidado ganha densidade, constituindo-se menos como intervenção e mais como presença.

É nesse entremeio, entre o ritual e o cotidiano, que se tecem relações de pertencimento e confiança, fundamentais para a experiência religiosa. As giras (sessão ritual da Umbanda na qual se realizam cânticos, incorporações espirituais e práticas ritualísticas do terreiro), embora

centrais, não esgotam o trabalho do cuidado; elas se articulam a uma rede mais ampla de interações que antecedem, atravessam e sucedem o ritual. Assim, o cuidado no terreiro não se limita aos momentos formais, mas se estende como prática que habita o tempo, sustenta os vínculos e acompanha os sujeitos em seus percursos, produzindo condições para que a dor possa ser dita, escutada e, pouco a pouco, ressignificada.

Nas observações do terreiro, a dor não se apresenta como uma experiência única ou homogênea, podendo manifestar-se nas dimensões física, emocional, psíquica e, também, espiritual, muitas vezes de forma indissociável. Trata-se de experiência complexa, que atravessa o corpo, os afetos e as relações, escapando a classificações rígidas ou a leituras exclusivamente biomédicas. A partir disso, aquilo que é nomeado como dor pode envolver desde o sofrimento decorrente de adoecimentos orgânicos até angústias, perdas, conflitos e desorganização da vida cotidiana, que encontram no terreiro um espaço possível de expressão. Ao acolher essa pluralidade, o cuidado praticado pelas Pretas Velhas não se orienta pela necessidade de definir ou enquadrar a dor, mas de escutá-la em suas diferentes formas de manifestação, reconhecendo-a como experiência legítima e situada. Assim, mais do que distinguir tipos de dor, o que se produz é um espaço no qual ela pode ser sentida, narrada e sustentada em sua complexidade.

É desta forma que o terreiro se constitui como espaço contínuo de cuidado, que a presença das Pretas Velhas ganha centralidade. Entre as diversas entidades que compõem a Umbanda, elas ocupam um lugar singular na experiência do cuidado, não apenas pelo que dizem ou fazem, mas pelo modo como se fazem presentes. Sua atuação não se impõe, não interrompe, não acelera; ao contrário, instaura um outro tempo, marcado pela escuta, pela pausa e pela atenção ao que, muitas vezes, não encontra facilmente palavras.

Sua presença se anuncia menos pela imposição e mais pela delicadeza: um gesto lento, uma fala mansa, um silêncio que acolhe. Há, em sua forma de estar, uma ética do cuidado que não se orienta pela urgência da resposta, mas pela sustentação do encontro. Nesse sentido, o atendimento realizado pelas Pretas Velhas não se organiza apenas como resolução de demandas, mas como abertura de um espaço no qual a dor pode ser dita, ou simplesmente sentida, sem pressa, sem julgamento, sem interrupção. Em muitos desses encontros, o que se apresenta não é imediatamente a palavra, mas o choro, por vezes contido, por vezes silencioso, que encontra, ali, a possibilidade de emergir e ser acolhido. Como tenho observado no cotidiano do terreiro, esse chorar em silêncio, longe de ser interrompido, é sustentado

como parte do próprio cuidado, permitindo que aquilo que não encontra forma na linguagem possa, ainda assim, ser reconhecido e partilhado.

Mais do que oferecer respostas, elas ensinam modos de escutar, de esperar e de sustentar o outro em sua dor. Trata-se de um aprendizado que não se dá exclusivamente por meio da palavra, mas que se inscreve nos corpos, nos gestos e nas temporalidades compartilhadas no terreiro. Ao acompanhar suas práticas, percebe-se que o cuidado se transmite também pelo exemplo, pelo ritmo, pela forma como conduzem o encontro e acolhem aqueles que chegam.

Nesse sentido, sua atuação pode ser compreendida como uma pedagogia sensível, na qual o cuidado se aprende tanto pelo que é dito quanto pelo modo de estar com o outro. É uma pedagogia que não separa ensinar de cuidar, nem conhecimento de experiência, mas que se realiza na própria relação, produzindo efeitos que ultrapassam o momento do atendimento e reverberam nos modos de sentir, de agir e de se relacionar no cotidiano daqueles que participam do terreiro.

É nessa pedagogia do cuidado, feita de gestos, pausas e presenças, que algumas cenas do cotidiano do terreiro se tornam particularmente reveladoras. Em uma das giras, era aguardada a chegada de uma mulher que vinha de longe em busca de cuidado junto à Preta Velha Tia Maria, trazendo consigo um diagnóstico de câncer de mama. Sua presença, de certo modo, já era anunciada antes mesmo de sua chegada, evidenciando também como o terreiro se organiza em torno dessas relações de confiança e expectativa que atravessam o cuidado.

Ao sentar-se diante da Preta Velha, a mulher é recebida não com perguntas imediatas, mas com um gesto: Tia Maria toma suas mãos com delicadeza e, em seguida, a envolve em um abraço demorado. “Eu estava te esperando, fia. Tenha fé e deixe eu benzer ocê”, diz, instaurando ali um espaço de acolhimento que antecede qualquer narrativa mais elaborada sobre a dor. O choro que se segue não é interrompido; ao contrário, é sustentado como parte do próprio cuidado. Durante o benzimento, entre palavras baixas, gestos precisos e pausas, o sofrimento encontra lugar para se expressar.

Tempos depois, soube-se que a mulher estava curada. No entanto, mais do que afirmar uma relação direta entre o ritual e a cura, interessa perceber como, naquele encontro, o cuidado se produziu na escuta, no toque, na palavra e na sustentação do sofrimento. A cena evidencia que, no contexto das Pretas Velhas, o cuidado não se reduz à resolução imediata da doença, mas envolve a criação de um espaço onde a dor pode ser acolhida, compartilhada e

ressignificada, produzindo efeitos que ultrapassam o momento do atendimento e reverberam na trajetória dos sujeitos.

Esta cena descrita permite vislumbrar que o cuidado, no contexto do terreiro, não se realiza apenas na presença ou na escuta, mas também por meio de um conjunto de práticas que articulam saberes, gestos e materialidades específicas. É nesse entrelaçamento que se pode compreender aquilo que, aqui, se denomina tecnologias de cuidado: modos de fazer que, embora muitas vezes simples em sua aparência, mobilizam conhecimentos ancestrais e produzem efeitos concretos na experiência do sofrimento.

No cotidiano do terreiro, o cuidado se materializa em práticas que articulam saberes ancestrais, atenção ao corpo e sensibilidade ao tempo do outro. Benzimentos, banhos de ervas, chás e orientações que atravessam o dia a dia compõem um repertório de ações que operam como verdadeiras tecnologias de cuidado. Não se trata apenas de procedimentos isolados, mas de práticas inseridas em uma lógica relacional, nas quais o fazer está indissociavelmente ligado ao modo de estar com o outro (NASCIMENTO, 2020).

Essas práticas se sustentam em um conhecimento que é, ao mesmo tempo, transmitido e experienciado, aprendido na convivência, na observação e na participação nos rituais. As ervas, por exemplo, não são mobilizadas apenas por suas propriedades físicas, mas por aquilo que carregam de memória, ancestralidade e sentido. O preparo de um banho ou de um chá envolve não apenas técnica, mas intenção, palavra e cuidado, compondo um fazer que articula diferentes dimensões da vida (NASCIMENTO, 2020).

Cuidar, nesse contexto, constitui dimensão fundamental dos processos de cura, atravessando e sustentando os diferentes esforços empreendidos na recuperação do indivíduo, seja diante da doença já instalada, seja no percurso de convivência com o adoecimento. Mais do que um conjunto de intervenções técnicas, o cuidado implica presença, escuta e reconhecimento da vulnerabilidade do outro, configurando-se como prática que articula corpo, afeto e sentido. Ainda que nem todo cuidado resulte em cura, não há cura que ocorra sem o cuidado: ambos se entrelaçam e se sustentam mutuamente, tornando-se, muitas vezes, indissociáveis na experiência vivida. Assim, o cuidado não apenas acompanha o tratamento, mas o constitui, criando as condições para que a experiência da doença possa ser elaborada, ressignificada e, em alguma medida, transformada.

Longe de uma lógica de intervenção imediata, essas tecnologias se organizam em torno da escuta e da continuidade, respeitando o ritmo de cada sujeito e a singularidade de suas trajetórias. O cuidado, nesse contexto, não se esgota em um único atendimento, mas se

desdobra ao longo do tempo, acompanhando processos, retornos e transformações. Ao mobilizar elementos da natureza, da palavra e do gesto, essas práticas produzem efeitos que ultrapassam o corpo físico, alcançando dimensões emocionais e espirituais e possibilitando que o sofrimento seja elaborado de maneira situada e compartilhada.

Nessa direção, o cuidado pode ser compreendido não apenas como um conjunto de práticas, mas como uma atitude fundamental diante do outro e da vida. Tal perspectiva permite compreender que, no contexto do terreiro, as tecnologias de cuidado não operam de forma isolada ou meramente técnica, mas se inscrevem em uma disposição mais ampla de presença e compromisso, na qual o gesto, a palavra e a escuta são atravessados por vínculos, responsabilidades e afetos.

No contexto do terreiro, a escuta e o acolhimento se afirmam como formas fundamentais de cuidado, especialmente nas práticas conduzidas pelas Pretas Velhas. Longe de ser gestos secundários, escutar e acolher constituem modos de intervenção que operam no campo das sensibilidades, onde a dor pode ser reconhecida, nomeada e sustentada. A presença da Preta Velha, com sua fala mansa, seu tempo desacelerado e sua ética do cuidado, cria um espaço em que o sofrimento não é interrompido ou silenciado, mas legitimado em sua existência. Como sugere Le Breton (2016), “é no corpo e na qualidade da presença, no olhar, na escuta atenta, no estar com, que se tecem as possibilidades de reconhecimento e vínculo”. Ao acolher sem julgamento e ao escutar com paciência, essas entidades oferecem não apenas conforto, mas condições para que o sujeito reorganize sua experiência de dor, reinscrevendo-a em narrativas possíveis de elaboração. Nesse sentido, a escuta e o acolhimento não apenas acompanham o cuidado, eles são, em si, cuidado em ato.

No terreiro, a dor não é apressada. Ela é convidada a sentar, a falar e, sobretudo, a ser ouvida. Esse convite não se dá apenas por meio da palavra, mas pela criação de um espaço no qual o sujeito pode existir em sua vulnerabilidade, sem a exigência de respostas imediatas. Trata-se de uma forma de acolhimento que suspende a urgência da resolução e abre possibilidade para que o sofrimento se manifeste em seus próprios termos.

Diferentemente de abordagens centradas na eliminação do sofrimento, o que se observa é um trabalho de sustentação, no qual a experiência dolorosa pode ser narrada, compartilhada e ressignificada. A dor, nesse contexto, não desaparece de forma abrupta, mas vai sendo lentamente elaborada no interior das relações, nos encontros que permitem que ela seja reconhecida, dita e, por vezes, apenas sentida.

A escuta, por sua vez, não se limita à fala: ela se constrói também nos silêncios, nos gestos e nas pausas. Escutar, aqui, é sustentar a presença, é reconhecer o tempo do outro, é permitir que aquilo que ainda não pode ser dito encontre outras formas de expressão. Trata-se de uma escuta que envolve o corpo, que se faz no olhar, no toque e na partilha do silêncio.

É nesse espaço de acolhimento que o sofrimento encontra possibilidade de reorganização, não como desaparecimento, mas como transformação. A dor, ao ser escutada e compartilhada, deixa de ser uma experiência isolada para se tornar relacional, produzindo deslocamentos nos modos de sentir e de existir. Assim, mais do que curar no sentido estrito, o que se produz é a possibilidade de continuar, de reconfigurar sentidos e de habitar a própria experiência de maneira menos solitária. Assim, quando encontra escuta, a dor não desaparece, mas aprende, pouco a pouco, a descansar.

Se a dor, ao encontrar escuta, aprende a descansar, é também nesse mesmo espaço que se aprende a cuidar. O terreiro, enquanto lugar de acolhimento, é igualmente um espaço de formação, onde o cuidado não apenas se oferece, mas se ensina, se partilha e se incorpora. É nesse movimento que a experiência vivida se transforma em aprendizado, e o aprendizado, por sua vez, em continuidade.

Aprender na Umbanda é, antes de tudo, conviver. Diferentemente de formas sistematizadas de ensino, os saberes não se apresentam como conteúdos formalizados, mas como experiências transmitidas no cotidiano, por meio da presença, da observação, da participação e, de modo fundamental, da oralidade.

No contexto do terreiro pesquisado, o Terreiro de Umbanda Tia Maria, essa transmissão se realiza, sobretudo, pela palavra viva da mãe de santo e pela atuação da Preta Velha Tia Maria, entidade que nomeia e orienta o espaço. É por meio de conselhos, orientações, narrativas e ensinamentos que circulam durante os rituais e no cotidiano que os fundamentos da casa são compartilhados, preservados e continuamente atualizados.

Os saberes, nesse sentido, não se dissociam das práticas de cuidado, mas se constituem nelas. Ao acompanhar atendimentos, preparar ervas, sustentar a escuta ou participar dos rituais, aprende-se não apenas o que fazer, mas como fazer e, sobretudo, como estar com o outro. Trata-se de um aprendizado que se inscreve no corpo, no tempo e na relação, constituindo uma ética do cuidado que orienta as ações no interior do terreiro.

Ao mesmo tempo em que preservam fundamentos ancestrais, essas práticas se mantêm vivas justamente por sua capacidade de se atualizar diante das demandas contemporâneas, respondendo às dores que chegam sem romper com a tradição. Assim, a transmissão de

saberes na Umbanda se realiza como um processo contínuo, no qual oralidade, experiência e presença se entrelaçam, garantindo a permanência e a vitalidade do cuidado no terreiro.

Ao acompanhar essas práticas, torna-se possível perceber que o cuidado, no terreiro, não se apresenta como técnica isolada ou resposta imediata, mas como um modo de estar com o outro, sustentado no tempo, na escuta e na relação. Entre ervas, palavras, gestos e silêncios, constitui-se uma forma de atenção que acolhe a dor sem apressá-la, permitindo que ela encontre lugar para existir e, aos poucos, se transformar. É nesse horizonte que se inscrevem as reflexões que seguem, nas quais o cuidado é compreendido não como resolução, mas como sustentação da vida em suas múltiplas dimensões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste percurso, buscou-se compreender a Umbanda como um campo legítimo de produção de cuidado, no qual corpo, espiritualidade e sensibilidade se entrelaçam na construção da experiência religiosa. Longe de se restringir a práticas pontuais, o cuidado se revela como uma dimensão constitutiva do cotidiano do terreiro, atravessando relações, rituais e modos de existir.

A atuação das Pretas Velhas evidencia uma concepção de cuidado que não se orienta pela urgência da cura, mas pela sustentação do sujeito em sua experiência de sofrimento. Ao instaurarem um tempo outro, marcado pela escuta, pela pausa e pela presença, essas entidades possibilitam que a dor seja acolhida, narrada e, por vezes, simplesmente compartilhada, sem a exigência de soluções imediatas. Nesse movimento, o terreiro emerge como espaço no qual outras formas de pensar saúde se tornam possíveis, deslocando o foco da eliminação do sintoma para a produção de sentidos e vínculos.

A análise destacou práticas como o benzimento, o uso de ervas medicinais, banhos, chás e orientações que atravessam o cotidiano, evidenciando um repertório de ações que articula saberes ancestrais, atenção ao corpo e sensibilidade ao tempo do outro. Tais práticas operam como tecnologias de cuidado que produzem efeitos não apenas na dimensão física, mas também nos modos de sentir, interpretar e sustentar o sofrimento. Ao mesmo tempo, reforçam vínculos comunitários e constituem importantes mecanismos de socialização religiosa, por meio dos quais valores, hierarquias e modos de estar na Umbanda são transmitidos, aprendidos e continuamente atualizados.

Ao examinar a atuação das Pretas Velhas nesse contexto, o trabalho contribui para compreender como a Umbanda se mantém viva: não como tradição fixa, mas como prática em movimento, que se reinventa sem romper com seus fundamentos. É na circulação de saberes, na centralidade da oralidade e na experiência compartilhada que se sustenta a continuidade do terreiro, permitindo que ele responda às demandas contemporâneas sem perder sua raiz ancestral.

Assim, mais do que afirmar a Umbanda como espaço de cura, este trabalho propõe reconhecê-la como um campo de produção de cuidado, saúde e conhecimento, no qual diferentes dimensões da vida se articulam de maneira indissociável. Um espaço onde a dor não é negada nem silenciada, mas acolhida em sua complexidade, encontrando condições para ser vivida de forma menos solitária.

A partir dessa perspectiva, o cuidado pode ser compreendido como uma prática relacional que se inscreve no encontro entre sujeitos, atravessada por afetos, presenças e modos de estar com o outro. Ultrapassando a dimensão técnica, o cuidado se configura como uma atitude ética diante da vida, implicando responsabilidade, envolvimento e reconhecimento da vulnerabilidade. No terreiro, essa dimensão se torna particularmente visível: cuidar não se limita a intervir sobre a doença, mas a sustentar o sujeito em sua travessia, criando condições para que o sofrimento possa ser escutado, compartilhado e, em alguma medida, ressignificado.

Diante disso, importa reconhecer que, embora cuidado e cura se aproximem, não se confundem. Há cuidado mesmo quando a cura não se realiza, assim como não há processo de cura que se sustente sem alguma forma de cuidado. Ambos se entrelaçam na experiência vivida, apoiando-se mutuamente sem, contudo, se reduzirem um ao outro. Essa distinção permite compreender com maior densidade as práticas observadas no terreiro, nas quais a escuta, o acolhimento e a presença, tão marcantes na atuação das Pretas Velhas, operam como formas de cuidado em si mesmas. É no corpo, no olhar e na qualidade da presença que se constroem os vínculos e se abrem possibilidades de reconhecimento.

Contudo, o cuidado, na Umbanda, não se esgota nesse plano relacional: ele também se materializa no uso das ervas, raízes, banhos e chás que atravessam o cotidiano do terreiro, compondo um saber que articula tradição, experiência e sensibilidade. Entre um conselho dito em voz baixa e um chá quentinho oferecido com calma, entre o benzimento e o gesto de sentar junto, o cuidado se faz também naquilo que é preparado, tocado e ingerido, indicando

que a cura, quando possível, se tece nesse entrelaçamento entre palavra, presença e matéria, indo além das fronteiras biomédicas e afirmando outras formas de recompor o corpo e a vida.

Cuidar, aqui, é sustentar, escutar e caminhar junto, mesmo quando a dor ainda insiste em permanecer. Porque há dores que não chegam gritando. Elas se aproximam devagar, sentam, esperam e, quando encontram escuta, começam a falar. No terreiro, não se pede que elas partam apressadas, oferece-se lugar. E, assim, entre palavras baixas, gestos simples e silêncios partilhados, a dor, pouco a pouco, se aquieta, se encosta e aprende que também pode descansar.

REFERÊNCIAS

BOCHNER, Arthur P. Narrative's virtues. *Qualitative Inquiry*, v. 6, n. 2, p. 266–272, 2000.

_____. *Evocative autoethnography: Writing lives and telling stories*. New York: Routledge, 2016.

_____. Narrative's virtues. *Qualitative Inquiry*. 2001,7(2), 131-157.

BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela Terra*. Petrópolis: Vozes, 1999.

BIRMAN, Patrícia. *Fazer estilo criando gêneros: posseção e diferenças de gênero em terreiros de Umbanda e Candomblé*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1995.

ELLIS, Carolyn. *The Ethnographic I: A Methodological Novel about Autoethnography*. Walnut Creek: AltaMira Press, 2004.

SCRIBANO, Adrián. *Sociología de los cuerpos/emociones*. Buenos Aires: CICCUS, 2012.

LE BRETON, David. *A sociologia do corpo*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2016.

NASCIMENTO, Adriana Cristina Zielinski. "Avante Filhos de Fé": A Umbanda e suas práticas ritualísticas. Dissertação de mestrado. UFPR, Setor Litoral, Matinhos/PR, 2020

NASCIMENTO, Adriana Cristina Zielinski do; HOFFMANN-HOROCHOVSKI, Marisete. O acolhimento da Umbanda como prática terapêutica in 21º Congresso Brasileiro de Sociologia, Belém do Pará, 2023. Disponível em https://www.sbs2023.sbsociologia.com.br/trabalho/view?ID_TRABALHO=1655 Acessado em 02/04/2026.

VERGER, P. F. Lendas Africanas dos Orixás. 4ª Ed. Salvador: Corrupio, 1999.